

REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Você é candidato/a a vereador/a em uma cidade de São Paulo. Em sua campanha, prometeu resolver uma situação polêmica envolvendo a escola pública em que estudou. A escola foi fundada em 1965 e tem em seu pátio duas estátuas de figuras históricas apresentadas como glórias passadas do Estado: um bandeirante, que hoje dá nome a uma rodovia estadual (Anhanguera), e um missionário jesuíta que fundou a cidade de São Paulo (Padre Anchieta). Tais estátuas sempre passaram despercebidas pela maioria dos estudantes. Em 2020, inspirados no movimento *Black Lives Matter* (*Vidas Negras Importam*), que questionou monumentos erguidos em homenagem a colonizadores e escravagistas na Europa, Estados Unidos e África, um grupo de estudantes se mobilizou para pedir a retirada das estátuas do pátio da escola. Outros estudantes se manifestaram contra a possível retirada.

Como ex-aluno/a e candidato/a a vereador/a, você foi convidado/a para discutir o assunto na assembleia estudantil dessa escola. Você então decide preparar um **discurso político** a ser proferido na assembleia. Em seu texto, você deve: **a)** fazer um balanço das duas visões em disputa; **b)** assumir uma posição sobre como agir diante do dilema da retirada ou não das estátuas, argumentando no sentido de convencer os estudantes ali presentes. Lembre-se de que, como líder político, sua posição terá impacto nos encaminhamentos da assembleia. Para escrever seu texto, leve em conta a coletânea apresentada a seguir.

1. Bandeirante: indivíduo que no Brasil colonial tomou parte em bandeira (no sentido de “expedição”); paulista (no sentido de “natural” ou “habitante”); que ou o que abre caminho; desbravador, precursor, pioneiro.

(*Dicionário Houaiss on-line*. Disponível em

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acessado em 28/09/2020.)

2. Os vândalos do bem escolheram o alvo certo. Assim como os intelectuais de ontem, que ergueram estátuas para celebrar as ideias hegemônicas da época, os de hoje estão dispostos a derrubá-las em nome do mesmo princípio covarde. Uma estátua é uma cicatriz da história, uma marca inscrita pelo passado no corpo paisagístico da sociedade. Nas praças, nos parques ou nas ruas, as estátuas alertam-nos sobre o passado — ou melhor, sobre incontáveis camadas de passado. A derrubada desses símbolos revela o desejo tirânico de exterminar a memória social. Uma estátua erguida no passado não representa uma celebração presente de um personagem

ou de uma ideologia, mas apenas a prova material de que, um dia, em outra época, isso foi celebrado.

(Adaptado de Demétrio Magnoli, Derrubada de estátua é a imposição do esquecimento. *Folha de São Paulo*, 26/06/2020.)

3.



(Alexandre Beck. Disponível em <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/151198042879/tirinha-original>. Acessado em 28/09/2020.)

4. Cidades são locais de memória e temos o direito de atribuímos novos sentidos a monumentos que outrora esculpimos em pedra. Não se apaga a história, escrita com a caneta dos vencedores. No caso de estátuas, questiona-se quem merece um pedestal público. A escolha não está entre depredar monumentos ou deixá-los intocáveis. Podemos, ao invés disso, ter a maturidade de escolher não elogiar genocidas em nosso espaço público e derrubar monumentos. Civilidade essa que é, aliás, infinitamente superior à das figuras representadas nesses monumentos. Seja para pô-los em museus, para colocá-los em cemitérios de esculturas, para ressignificá-los, quando o valor artístico permite, seja para destruí-los, quando este valor for pífio.

(Adaptado de Thiago Amparo, Borba Gato deve cair. *Folha de São Paulo*, 14/06/2020.)

5. Como todos os missionários do Brasil, Anchieta protegia os índios e benzia a escravidão dos negros. Para ele, o cativo dos últimos livrava os primeiros da exploração colonial. Depois, o padre Antônio Vieira completou a justificação jesuítica do tráfico negreiro, afirmando que o escravismo também salvava os africanos do paganismo. Ao fio dos anos, acumulando negócios, os jesuítas se tornaram grandes proprietários de escravos. A fazenda de Santa Cruz, que lhes pertencia, era a maior

propriedade escravista das Américas por volta de 1750, concentrando mais de mil cativos negros e mulatos.

(Adaptado de Luiz Felipe Alencastro, Santo Anchieta dos poucos.

Folha de São Paulo, 20/07/2014.)

6. Os motivos que moviam os bandeirantes eram três. Em primeiro lugar, a riqueza: comerciantes endinheirados organizavam bandeiras para descobrir novas minas e depósitos de ouro, prata e pedras como a esmeralda. Em segundo lugar, a propriedade: fazendeiros financiadores usavam as expedições para ampliar suas terras, aumentando o território para cultivo ou criação de gado. Por fim, a mão de obra: muitas viagens tinham como objetivo recapturar escravos fugitivos ou então encontrar índios que pudessem ser escravizados.

(Adaptado de <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-umaexpedicao-dos-bandeirantes/>. Acessado em 25/09/2020.)

Comentário à proposta de Redação 1

O candidato deveria colocar-se no lugar de um candidato (ou candidata) a vereador na capital paulista que, convidado a discursar para uma assembleia de estudantes da escola em que estudou, deve preparar um discurso político a ser proferido para uma assembleia estudantil, promovida por um grupo de estudantes que, inspirados no movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), que questionou monumentos erguidos em homenagem a colonizadores e escravagistas em Europa, Estados Unidos e África, exigiram a retirada de duas estátuas instaladas no pátio da escola – uma de um bandeirante e outra de um jesuíta. No discurso, o candidato a vereador deveria mediar a polêmica que divide os estudantes (alguns dos quais contrários à retirada dos monumentos). Além de contemplar ambas as visões, o líder político deveria assumir um posicionamento em relação à retirada das estátuas, argumentando com vistas a convencer a plateia acerca das razões pelas quais adotou uma determinada postura, sem desconsiderar sua influência sobre a assembleia. Para tanto, deveria basear seu discurso numa coletânea de vários textos — oferecida pela Unicamp. O primeiro trazia a definição da palavra bandeirante (“o que abre caminho, desbravador” – entre outras). No segundo texto, o sociólogo Demétrio Magnoli contestava “a imposição do esquecimento”, representada pelos “vândalos do bem”, que, ao destruírem símbolos históricos, estariam recorrendo ao mesmo expediente covarde dos intelectuais que, no passado, responderam pela construção de incontáveis estátuas de personagens de conduta questionável presentes em praças, parques ou vias pública, sendo hoje apenas a “prova material de uma época em que foram celebradas”. No quarto texto, Thiago Amparo, ao destacar o papel da

civilidade, proponha uma “ressignificação” desses, que levaria em conta seu valor artístico. O quinto texto denunciava a contradição observada nos jesuítas, que protegiam os índios mas abençoavam a escravidão dos negros, vindo com o passar dos anos a tornarem-se proprietários de fazenda em que mantinham escravos. No último texto, expunham-se os três principais motivos que moviam os bandeirantes: riqueza, propriedades e mão de obra – sempre visando aos próprios interesses.

PROPOSTA 2

Você se encontra em uma situação de vulnerabilidade socioeconômica que o deixa mais exposto à infecção pelo vírus da Covid-19 e se sente indignado/a com a negligência do Estado, que não adota medidas sérias e eficazes para evitar que você e outros/as trabalhadores/as corram esse risco. Em um ato de resistência psíquica e política, você decide escrever um **diário** para registrar o seu testemunho dos acontecimentos extraordinários da pandemia da Covid-19 para que as gerações futuras possam entender como as decisões políticas de um dado momento são determinantes para a história da humanidade.

Escreva **um texto de entrada para o seu diário**, no qual você deve **a) narrar** um episódio em que você corre o risco de contrair a Covid-19 em razão de seu trabalho e; **b) denunciar**, a partir desse episódio, a *necropolítica* como forma de organização de um Estado negligente em relação à saúde dos mais vulneráveis. Lembre-se de que seu diário servirá de testemunho para que seus descendentes tomem conhecimento do exercício da *necropolítica* que marcou a pandemia da Covid-19. Para escrever seu texto, leve em conta a coletânea apresentada a seguir.

Diário é um gênero textual, geralmente de caráter íntimo, em que se fazem anotações de experiências pessoais cotidianas, e que é organizado pela data de registro dessas anotações. Alguns diários podem ultrapassar o interesse privado do seu autor e interessar a outros possíveis leitores, seja pela pertinência das reflexões pessoais, seja por documentar uma época histórica.

1. *Necropolítica* é um conceito desenvolvido pelo filósofo Achille Mbembe que questiona os limites da soberania quando o Estado, baseado em premissas coloniais, racistas e capitalistas, escolhe quem deve viver e quem deve morrer (...). Segundo a pesquisadora Rosane Borges, racismo, capitalismo e necropolítica são inseparáveis. Um sustenta o outro. Aquilo que o capitalismo acha que não serve mais, ele abate, porque são corpos negros. O que se faz com a massa sobrando do mercado de trabalho? O que se faz com o contingente de pessoas que não são absorvidas pelas novas competências técnicas e tecnológicas do capitalismo? Se mata, se exclui. Obviamente que essa mesma massa sobrando são

corpos negros, mulheres negras, que foram fundamentais para a acumulação de capital. Corpos que foram escravizados e que hoje não interessam mais para o capital. São pessoas que estão vivendo nas franjas do sistema social, marginalizadas. Nesse processo de marginalização, a gente cria linhas divisórias entre nós e os outros. E esses outros podem ser alvo de tudo. Inclusive da morte.

(Adaptado de O que é necropolítica.

Disponível em <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/>. Acessado em 15/01/2021.)

2. Quais são as consequências dessa pandemia no que diz respeito à reflexão sobre igualdade, interdependência global e nossas obrigações uns com os outros? O vírus não discrimina. Poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente. A desigualdade social e econômica garantirá a discriminação do vírus. O vírus por si só não discrimina, mas nós, humanos, certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo. Quais mortes chorar? Parece provável que passaremos a ver um cenário doloroso no qual algumas criaturas humanas afirmam seu direito de viver a custo de outras, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas passíveis de luto e aquelas não passíveis de luto, isto é, entre aqueles que devem ser protegidos contra a morte a qualquer custo e aqueles cujas vidas não valeriam o bastante para serem salvaguardadas contra a doença e a morte.

(Adaptado de Judith Butler, O capitalismo tem seus limites.

Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2020/03/judith-butler-sobre-a-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>. Acessado em 08/09/2020.)

3.



(Adaptado de Pedro Conforte / Plantão Enfoco. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br>. Acessado em 28/09/2020.)

4.



(Adaptado de *Confinada*. Roteiro de Triscila Oliveira e Ilustração de Leandro Assis. Disponível em @leandro_assis_ilustra. (Instagram).

Acessado em 14/12/2020.)

5. O chefe de governo negou a gravidade do problema, insultou os coveiros, promoveu aglomerações e espalhou desinformação sobre o distanciamento, a higienização e o uso de máscara. Jogou com a vida dos que acreditaram em um remédio inócuo, a cloroquina, e nisso comprometeu o Exército e o SUS. Desmoralizou os médicos Ministros da Saúde, ignorou medidas que inibiriam a evolução da doença e deixou mofar milhões de testes que ajudariam a salvar vidas. Após atribuir poderes políticos às vacinas, o governo federal se dedica agora, negando uma cultura de cem anos, a minar a confiança nelas. Por ele, a pandemia nunca será superada.

(Adaptado de Ruy Castro, Os médicos sobre Bolsonaro. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2020/12/os-medicos-sobre-bolsonaro.shtml>. Acessado em 14/12/2020.)

Comentário à proposta de Redação 2

O candidato deveria colocar-se no lugar de um trabalhador encontrando-se numa difícil situação socioeconômica agravada pela involuntária exposição à infecção pelo vírus da covid-19, que decide escrever um texto de entrada para um diário (gênero textual em geral de caráter íntimo; espaço de anotações de experiências ou de documentação de determinada época histórica). Nessa entrada, o trabalhador deverá narrar um episódio no qual o tipo de atividade exercida o expunha ao risco de infecção, além de denunciar o exercício da necropolítica, evidenciada ao longo da pandemia, que estaria norteando um Estado negligente em relação aos miseráveis. A coletânea de textos, constituída por vários textos, deveria servir de base para o candidato redigir seu diário. O primeiro define necropolítica como uma forma de governar que, ao excluir um vasto contingente de pessoas – sobretudo da raça negra – que não dominariam as “novas competências técnicas e tecnológicas”, decide quem deve viver e quem deve morrer. O segundo texto constatava o fato de que o vírus não discrimina

quem será ou não infectado, mas a desigualdade social e econômica discrimina, a ponto de fazerem uma distinção entre pessoas dignas de viver e outras que não têm valor que as salvasse. O texto 5 denuncia o negacionismo, encabeçado pelo chefe do governo, que contribuiu, com discursos e atitudes levianas e inconsequentes, para desacreditar a vacina contra o coronavírus.

É preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas. Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras para encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo.

(Adaptado de T. Todorov, *A literatura em perigo*.
São Paulo: Difel, 2009, p. 32-33.)

FÓRMULA MÁGICA DA PAZ

Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui?
Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho
A minha vida é aqui e eu não consigo sair
É muito fácil fugir, mas eu não vou
Não vou trair quem eu fui, quem eu sou
Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim
O ensinamento da favela foi muito bom para mim
(...)
A gente vive se matando, irmão, por quê?
Não me olhe assim, eu sou igual a você
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho

(Racionais Mc's, *Sobrevivendo no inferno*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 121 e 129.)

- Identifique, nos versos transcritos acima, uma expressão que se opõe ao título da canção e uma outra que o confirma. Explique o título da canção considerando o último verso.
- Com base no trecho de Todorov e no excerto da canção, formule dois argumentos (um ético e um estético) que justifiquem o estudo do rap.

Resolução

- As palavras do trecho da canção “Fórmula mágica da paz” que contradizem o título são “campo minado”, expressão pertencente à área semântica de guerra. Trata-se de uma situação tão vulnerável que o eu lírico pensa até em “se jogar” desse lugar. O verso que confirma o sentido utópico e pacífico do título é “Não me olhe assim, eu sou igual a você”, revelando empatia, o qual

tem como consequência o verso “Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho”. Quanto ao sentido do último verso, “Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho”, conota-se que o rap é uma maneira de “sobreviver no inferno” da marginalização social, por meio das potências criativa, artística e reflexiva sobre as circunstâncias da periferia. Como um “pastor marginal”, o eu lírico convoca seu interlocutor a “entrar no trem da malandragem”, como exorta também o verso: “Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho”. Em suma, o eu lírico convoca o público excluído socioeconomicamente a reconhecer no rap uma “fórmula mágica”, um caminho para resistir, sobreviver e ter consciência em relação à violência e superá-la.

- b) O argumento ético para que se justifique o estudo do rap tem como núcleo a eliminação da violência na periferia. Em vez de assassinatos e exclusão, e inexistência de manifestação artística, as pessoas devem buscar a paz, a solidariedade e a criatividade, enfim, fatos que redundem no bem comum.

O argumento estético para a valorização do rap pode ser notado nos seguintes elementos desse excerto:

1. Os pares de rima: “daqui”, “sai(r)”; “vou”, “sou”; “vim”, “mim”; “por quê”, “você”, “gatilho”, “trilho”.
2. As metáforas presentes em “campo minado”, “trem”, “trilho”.
3. A metonímia que se nota no emprego de “gatilho” no lugar de “revólver”.
4. A aliteração do fonema sonoro /t/ e a coliteração do fonema linguodental surdo homorgânico /d/ em “Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim”.

Esses elementos estilísticos evidenciam a função poética da linguagem, notando-se a expressividade.

Peroração, do latim *peroratio*, *peroratiōnis*, de *perorāre*, significa concluir, arrematar, acabar. Corresponde à parte final do sermão, caracterizada geralmente pela recapitulação, pela amplificação de uma ideia e pela comoção do auditório. Sua finalidade última é comover e mover os ouvintes, isto é, emocionar e mover o ânimo do público para a ação.

(Adaptado de Flávio Antônio Fernandes Reis, “Peroração”. Disponível em www.edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/peroracao. Acessado em 06/10/2020.)

“Mortos, mortos, desenganai estes vivos! Dizei-nos que pensamentos e que sentimentos foram os vossos, quando entrastes e saístes pelas portas da morte. (...) Entre essas duas portas se acha subitamente o homem no momento da morte, sem poder tornar atrás, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar para onde não sabe, e para sempre. Oh que transe tão apertado! Oh que passo tão estreito! Oh que momento tão terrível!”

(Antonio Vieira, “Sermão de 1672”. *Sermões de Quarta-feira de Cinza. A arte de morrer*: São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 65.)

- Identifique e explique as duas estratégias retóricas utilizadas por Vieira ao encaminhar-se para a conclusão do Sermão de 1672.
- Com que sentimentos o pregador busca sensibilizar os ouvintes? Que ação procura estimular nos cristãos?

Resolução

- Vieira procura convencer o ouvinte/leitor, por meio de uma argumentação lógica e exortativa. O pregador, ao dialogar retoricamente com os mortos, ordena-lhes que desenganem os vivos de qualquer esperança de voltar à existência terrena e digam-lhes quais pensamentos ou sentimentos são necessários para que se possa atravessar as portas da morte e obter a salvação. Para o desenvolvimento da argumentação, Vieira vale-se da função conativa, empregando apóstrofes (*Mortos, mortos*), anáforas e antíteses (*nem parar, nem fugir*), interjeições (*Oh*) e verbos no modo imperativo (*desenganai, dizei*), a fim de reforçar a afirmação de que, uma vez morto, o homem não tem como retornar à existência terrena e, assim, resta-lhe entrar pela porta estreita, seguindo os conselhos dos mortos que já a ultrapassaram.**
- O excerto apresentado pede aos mortos que desenganem os vivos e revelem o trágico momento que vem após a morte. Ao se referir a esse “transe tão apertado” da finitude da vida, o pregador quer sensibilizar os ouvintes, inculcando-lhes o medo da**

danação eterna, ao chegarem ao passamento. Assim, Vieira pretende que o público se desapegue da vida material, dos bens e dos prazeres mundanos e efêmeros e aceite a vida penitente, espiritual, tendo em vista o bem maior: salvar a alma, alcançando a existência eterna. Cabe recordar que nos três *Sermões de Quarta-feira de Cinza*, Antônio Vieira apela para a salvação dos fiéis. Para tanto, há a necessidade de entender que o apego à matéria é a condenação eterna. O caminho que, segundo o orador, faz o fiel salvar a alma, ao passar pela “porta estreita da morte”, é praticar uma vida de penitência, trilhando o caminho religioso, imaterial.

“A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.”

(Antoine Compagnon, *Literatura para quê?*
Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 46-47.)

“E tudo dela repugnava a Ruth: a estupidez, a humildade, a cor, a forma, o cheiro; mas percebera que também ali havia uma alma e sofrimento, e então, com lágrimas nos olhos, perguntava a Deus, ao grande Pai misericordioso, por que a criara, a ela, tão branca e tão bonita, e fizera com o mesmo sopro aquela carne de trevas, aquele corpo feio da Sancha imunda? Que reparasse aquela injustiça tremenda e alegrasse em felicidade perfeita o coração da negra.

— Sim, o coração dela deve ser da mesma cor que o meu, cismava Ruth, confusa, com os olhos no altar.”

(Júlia Lopes de Almeida, *A falência*.
Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 235.)

- a) Indique duas palavras do texto de *A falência* que marcam a tensão entre matéria e espírito. Explique como essa tensão é vivida pela personagem.
- b) Relacione as duas últimas frases da passagem do romance com as reflexões de Compagnon, considerando as condições de trabalho na sociedade brasileira ao final do século XIX.

Resolução

- a) **O núcleo da tensão entre matéria e espírito aparece respectivamente em “corpo” e “alma”. As palavras “cor”, “forma”, “carne” e “cheiro” têm relação de contiguidade com corpo, são metonímicas. Essa tensão é vista como decorrente de uma grande injustiça social pela adolescente Ruth, pois ela provém do sistema escravagista, recém-terminado na época em que se passa a narrativa (1891-1893), mas que perdurava no relacionamento discriminatório e cruel entre os brancos livres, mesmo pobres, no caso das irmãs Joana e Itelvina, com a agregada negra, Sancha.**
- b) **Embora o enredo do romance *A Falência* desenvolva-se após a abolição da escravatura, nota-se que as mudanças quanto ao tratamento dispensado ao escravo não se efetivaram. A abolição dos escravos no Brasil, teoricamente, trouxe a possibilidade de novas perspectivas de**

igualdade, dignidade e respeitabilidade para o negro. No entanto, na prática, os abusos quanto à exploração do trabalho, ao preconceito racial, às formas de tratamento desumanas dispensadas aos negros mantiveram-se na mesma proporção anterior à Lei Áurea, como é exemplificado na agregada Sancha.

O texto de Compagnon afirma que a literatura é capaz de “transmitir a experiência dos outros”, acentuando a percepção de que a discriminação e a crueldade afastam socioeconomicamente os indivíduos de diferentes condições de vida, tal como ocorre entre a personagem Sancha, escrava, e o que Ruth, adolescente burguesa, percebe: embora repugnasse a condição e a vida que a mulher negra agregada levava, pensava na possibilidade de semelhança entre elas: a cor do coração.

Leia a definição abaixo e a transcrição de parte do vídeo feito por Regina Casé e a filha Benedita no dia do surdo.



Ca·pa·ci·tis·mo (s.m.)

termo usado para descrever a discriminação e a opressão contra pessoas com deficiência, que abrange desde a acessibilidade até a forma como a sociedade trata essas pessoas.

Essa aqui é a Benedita, minha filha. Ela tem uma perda auditiva severa. Ela teve essa perda quando era muito bebezinha. Desde então, eu vi que as pessoas têm muita dificuldade de se comunicar com ela. Ficam agoniadas quando percebem que ela não escuta ou que ela usa aparelho. Então, nós duas resolvemos ajudar um pouquinho, com nossa experiência, nessa comunicação com situações do dia a dia. Por exemplo: não dá para falar de costas para a pessoa, porque muitas vezes ela depende da leitura labial para entender. Outro exemplo: não precisa gritar porque volume (alto-baixo) é uma coisa completamente diferente de frequência (agudo-grave). Outra coisa que acontece direto: em vez de falarem com a pessoa surda, perguntam para a pessoa que está do lado. E para terminar, é uma loucura quando alguém fala: “Nossa, **mas** ela é tão linda! Ninguém diz que ela é surda”. Procure saber o que é capacitismo e daqui para frente seja anticapacitista! Ela é linda. E é surda!

(Adaptado de Regina Casé. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CFmrEqylXpI/?utm_source=ig_embed.)

- Considerando as noções de capacitismo e anticapacitismo, explique o uso de “mas” e de “e” nas frases “Nossa, **mas** ela é tão linda!” “Ela é linda. **E** é surda!”.
- Apontando as dificuldades de comunicação com uma pessoa surda, Regina Casé observa que uma situação frequente é o interlocutor dirigir-se a quem está ao lado

da pessoa. Nesse caso, trata-se de uma atitude capacitista ou anticapacitista? Explique.

Resolução

- a) A conjunção coordenativa adversativa “mas” em “Nossa, mas ela é tão linda!” reproduz o capacitismo descrito na definição dada, tendo em vista o pressuposto de que a pessoa com surdez não poderia ser dotada de beleza.

Em “Ela é linda. E é surda!”, a conjunção coordenativa aditiva “e” cria entre os períodos relação de soma, ou seja, atribui-se a ela, Benedita, duas características, sem, contudo, expressar discriminação contra a pessoa com deficiência. Além disso, essa relação aditiva corrobora o apelo de Regina Casé para que o leitor assuma atitude anticapacitista ao acrescentar a deficiência como caracterização ao lado da beleza.

- b) Essa atitude revela discriminação, ou seja, capacitista quanto à forma como a sociedade trata a pessoa com deficiência auditiva, pois o interlocutor ignora o canal comunicativo com o surdo ao se dirigir à pessoa que está ao lado. Regina Casé, em seu texto, utiliza a própria filha para demonstrar que há maneiras não discriminatórias de dialogar com os surdos, enumerando atitudes a se tomar no ato de fala com esses indivíduos.

Texto 1

O dilema das redes (2020) aborda um dilema comum em documentários desse tipo. É, sem dúvida, importante a denúncia vinda dos empresários desse setor que lucraram muito com a criação de empresas digitais que monopolizam as redes: a revelação de seu funcionamento, de seus preocupantes efeitos sobre as pessoas e de sua perniciosa influência em processos políticos – uma espécie de crise de consciência. Contudo, eles parecem não entender exatamente que são eles os protagonistas. Empenhados em desenvolver uma “ferramenta” capaz de integrar as pessoas, viram-se enredados nessa rede cuja finalidade era prender a atenção e servir de plataforma de *marketing*. Ora, é evidente que são empresas que querem lucros, portanto, não são exatamente “ferramentas”. O documentário afasta a resposta simples de que o produto que vendem são os dados capturados por essas plataformas. Elas funcionam mapeando comportamentos e padrões de modo a dirigir a oferta do produto com um alto grau de certeza de consumo. E é aqui que a discussão fica interessante: qual é, afinal, o produto? A resposta do documentário é simples: nós.

Texto 2

[Sabe... Eu acho que o dilema não é a rede...
mas o pescador!!!]

(Adaptado de Mauro Iasi, O dilema do dilema das redes: a internet é o ópio do povo. Blog da Boitempo. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/o-dilema-do-dilema-das-redes-a-internet-e-o-opio-do-povo/>. Acessado em 10/10/2020.)

- Considerando o primeiro parágrafo do texto 1, indique dois substantivos a que a expressão “viram-se enredados” se refere.
- Considere a *charge* (Texto 2) e, com base na finalidade das “ferramentas” (discutidas no primeiro e no segundo parágrafos do Texto 1), explique por que o dilema não é da rede.

Resolução

- a) O verbo da oração “viram-se enredados” refere-se aos substantivos “empresários” e “protagonistas”, que funcionam sintaticamente como sujeitos ocultos.
- b) O pescador na charge representa os empresários das redes sociais que criaram “ferramentas”, plataforma de *marketing*, para cooptar os consumidores. Essas “ferramentas” mapeiam comportamentos, padrões de consumo, crenças, ideologias, oferecendo aos consumidores produtos “com alto grau de certeza de consumo”. Portanto, o dilema não é a rede social, mas o que os empresários querem com os dados que coletam dos usuários por meio da rede.

Texto 1

Audino Vilão é o pseudônimo de Marcelo Marques. O universitário paulista de 18 anos cursa Licenciatura em História e produz vídeos em que traduz conceitos filosóficos complexos em linguagem coloquial, com gírias típicas das periferias do Estado de São Paulo. Audino se apresenta como um vilão que sequestra o conhecimento da elite acadêmica e distribui pra todo mundo, igualmente, da melhor forma possível. Ele entende que é preciso valorizar a cultura do aluno, o dialeto dele, seu conhecimento de vida.

(Adaptado de Bárbara Martins, “Audino Vilão: universitário traz conceitos filosóficos para linguagem da periferia.” Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2020>. Acessado em 09/11/2020.)

Texto 2

“E aí, molecadinha que nos assiste? Primeiramente um abraço, um cheiro, um amasso, diretamente daqui da 019, Audino Vilão na voz, trazendo pra vocês uma explicação: que que é democracia? Pra começar, vamo vê na história. A democracia surgiu na Grécia, na cidade de Atenas, em 504 a.C., em resposta aos governos autoritários. Cê é louco, o bagulho, mó tempo, né? Os cara mandava em tudo, metia o louco. Aí os caras saíram do poder, o povo se uniu e pensou: Parça, e se nós fizesse esse bagulho agora, e se nós mandasse nesse bagulho aí? Aí a rapaziada lá, suave, se reuniu nas praça, nos congresso, os cara discutia qual que vai ser a plantação, qual que vai ser o festival da cidade. Só que, naquela época, pra você participar da democracia você precisava ser homem, maior de 21 anos, precisava possuir terras e... o mais importante: você precisava ser cidadão ateniense. Você não poderia ser nem mulher, nem escravo. Então era um bagulho meio elitista, tá ligado? Era um bagulho meio exclusivo.

Mas qual que é essas ideia de democracia? Democracia é uma forma de governo onde todo mundo pode participar. Dá pra todo mundo tentar fazer o seu corre, e tentar progredir no nosso país, no nosso município, na nossa quebrada. Porque a democracia parte de um princípio de respeito à liberdade individual. Mas não fica só nisso não. A democracia também acontece quando você vai lá e cobra o político: e aí, mano, cadê as escola? O certo é o certo, o errado é cobrado, e a democracia é dessa fita, entendeu?”

(Adaptado de Audino Vilão. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CE7wnZypyEi/>. Acessado em 09/11/2020.)

- a) Cite duas características da democracia grega que, segundo Audino Vilão, a diferenciam do conceito atual de democracia.
- b) A quem se dirigem os vocativos “Parça” (no primeiro parágrafo), e “mano” (no segundo parágrafo)?

Resolução

- a) De acordo com Audino, “naquela época, pra você participar da democracia você precisava ser homem, maior de 21 anos, precisava possuir terras e... o mais importante: você precisava ser cidadão ateniense. Você não poderia ser nem mulher, nem escravo”. Assim, aspectos que podem ser ressaltados de diferença com a democracia atual são a existência de escravidão; a exclusão das mulheres; a idade requerida e a necessidade de posses para participação política.
- b) O vocativo “parça” aparece em meio a um exemplo de um diálogo entre cidadãos atenienses. Nesse contexto, “parça”, usado em sentido genérico, faz referência aos cidadãos atenienses que, em meio a uma conversa, discutem como construir um modelo democrático de participação. Já “mano” aparece no segundo exemplo hipotético de Audino e faz referência ao “político” que é cobrado a respeito da educação.

Durante anos, Penélope esperou que seu marido, Ulisses, retornasse da Guerra de Troia (IX e VII a.C.). Essa viagem é o tema da *Odisseia*, poema épico grego atribuído a Homero. Como os anos passavam e não havia notícias de Ulisses, o pai de Penélope sugeriu que ela se casasse novamente. Diante da insistência do pai, resolveu aceitar a corte dos pretendentes, com a condição de que o novo casamento somente aconteceria depois que ela terminasse de tecer um sudário, que ficou conhecido como “Tela de Penélope”, que serviria de mortalha para Laerte, pai de Ulisses. Durante o dia, aos olhos de todos, Penélope tecia, e à noite, secretamente, desmanchava todo o trabalho. Com esse artifício, adiava a escolha de outro marido até a volta de Ulisses.

(Adaptado de Penélope, *Wikipedia*.

Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pen%C3%A9lope>.

Acessado em 09/01/2021.)

Penélope (I)

O que o dia tece
a noite esquece.

O que o dia traça
a noite esgarça.

De dia, tramas,
de noite, traças.

De dia, sedas,
de noite, perdas.

De dia, malhas,
de noite, falhas

(Ana Martins Marques, *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009, p. 105.)

- Como as palavras “traça” (na segunda estrofe) e “traças” (na terceira estrofe) constroem uma relação antitética no poema?
- No poema, a palavra “tramas” remete a Penélope por duas razões. Quais são elas? Explique.

Resolução

- Na segunda estrofe, “traça” é o verbo “traçar” na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. No contexto, tem o sentido de “pôr em execução”. Na terceira estrofe, “traças” está na

segunda pessoa do singular do presente do indicativo. No contexto, tem o sentido de “corroer, roer”, o que remete também ao substantivo “traças”, pequenos insetos que destroem tecido e papel. Ambas constroem, portanto, uma relação antitética, já que de dia Penélope constrói e, à noite, destrói.

- b) A palavra “tramas” remete a Penélope porque tanto se refere à trama de um tecido, bordado ou trabalhado, feito com fios, quanto ao artifício que Penélope usa para postergar o casamento, pois acredita que seu amado Ulisses voltará.

Leia abaixo alguns excertos do poema *Menimelímetros*, de Luz Ribeiro, poeta do *Slam das Minas* de São Paulo. Esse poema foi apresentado performaticamente em alguns *slams* de que ela participou no Brasil.

os menino passam liso
pelos becos e vielas
os menino passam liso
pelos becos e vielas
os menino passam liso
pelos becos e vielas

você que fala em becos e vielas
sabe quantos centímetros cabem em um menino?
sabe de quantos metros ele despenca
quando uma bala perdida o encontra?
Sabe quantos não ele já perdeu a conta? (...)

esses menino tudo sem educação
que dão bom dia, abrem até o portão
tão tudo fora das grades escolares
nunca tiveram reforço – de ninguém
mas reforçam a força e a tática
do tráfico, mais um refém (...)

que esses meninos sem nem carinho
não tem carrinho no barbante
pensa que bonito se fosse peixinho fora d'água
a desbicar no céu
mas é réu na favela
lhe fizeram pensar voos altos
voa, voa, voa...aviãozinho

e os menino corre, corre, corre
faz seus corres, corres, corres (...)

“ceis” já pararam pra ouvir alguma vez os sonhos
dos meninos?

é tudo coisa de centímetros:
um pirulito, um picolé
um pai, uma mãe
um chinelo que lhe caiba nos pés

um aviso: quanto mais retinto o menino
mais fácil de ser extinto
seus centímetros não suportam 9 milímetros

porque esses meninos
esses meninos sentem metros

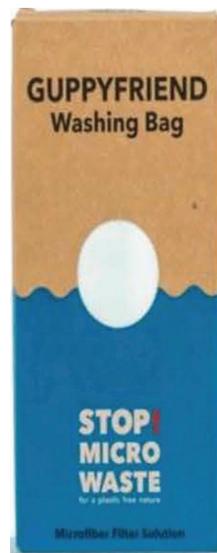
- a) O título *Menimelímetros* é um neologismo que funde ao menos duas palavras. Quais são essas palavras? Transcreva os versos que sintetizam o título do poema.
- b) Na terceira estrofe, há um jogo de palavras. Identifique esse jogo de palavras e explique a relação de causa e consequência estabelecida por ele.

Resolução

- a) O neologismo “menimelímetros” funde “meninos + milímetros”, num processo de formação por aglutinação. “Milímetros” é uma unidade de medida, assim como “centímetros” e “metros” que também aparecem no poema. Essas unidades podem referir-se às estreitas vielas e becos por onde passam os meninos “liso” e também às armas 9 milímetros que matam o menino “mais retinto” e “mais fácil de ser extinto”. Nesse sentido, os versos que melhor sintetizam o título são: “um aviso: quanto mais retinto o menino / mais fácil de ser extinto / seus centímetros não suportam 9 milímetros”.
- b) O jogo sonoro e semântico ocorre entre as palavras “reforço”, “reforçam” e “força”. A primeira palavra refere-se a “reforço escolar”, complemento de aulas, mas o final do verso “de ninguém”, enfatiza o fato de que os meninos do poema nunca receberam apoio familiar, institucional, social, político. A segunda sugere que os meninos integram e se tornam reféns da “força” e da “tática do tráfico”. Assim, a falta de incentivo à educação (“tão tudo fora das grades escolares”) tem como consequência o estímulo ao ingresso na criminalidade.

Texto A. Microplastics are tiny particles composed of plastic that have been becoming a worrisome problem in the oceans. Besides a direct contribution to pollution, microplastics can also release chemicals such as plasticizers and flame retardants into the water they are in. An investigation carried out by the Virginia Institute of Marine Science found that water temperature and salinity can have an effect on how much of these chemicals are released from microplastics, reinforcing the need to keep these materials out of the environment.

(Adaptado de <https://marinedebris.noaa.gov/research/influence-environmental-conditions-contaminants-leaching-and-sorbing-marine-microplastic>. Acessado em 30/09/2020.)



Texto B. The Guppyfriend Washing Bag is the most effective hands-on solution against microplastic pollution from washing. It reduces fiber shedding and protects your clothes. It filters the few fibers that do break and it's a reminder to change our washing rituals.

(<https://us.guppyfriend.com>. Acessado em 30/09/2020.)

(Na parte inferior da imagem, lê-se: "STOP Microwaste for a plastic free nature – Microfiber Filter Solution")

- A partir da leitura do **texto A**, aponte uma consequência indireta dos microplásticos para a poluição. Justifique quimicamente por que essa consequência é afetada pela temperatura da água.
- “O produto apresentado no **texto B** é uma medida efetiva para os problemas apontados no texto A”. **Você concorda com essa afirmação, concorda parcialmente com ela ou discorda dela?** Justifique de acordo com os textos e seus conhecimentos de química.

Resolução

- Uma consequência indireta dos microplásticos para a poluição é a liberação de produtos químicos, tais como plastificantes e retardadores de chamas na água, onde são encontrados os referidos microplásticos. Aumentando-se a temperatura da água, aumenta-se a velocidade de qualquer processo químico, levando a uma liberação mais rápida desses produtos químicos na água.

b) Eu concordo parcialmente com esta afirmação, pois a utilização da referida sacola no processo de lavagem de roupas seria uma medida paliativa, com efeito de curtíssimo prazo no sentido de evitar que os produtos químicos poluidores da água sejam despejados em rios e oceanos. Todavia, os microplásticos provenientes da lavagem de roupas deverão ser, eventualmente, descartados no meio ambiente, contaminando o solo, as águas subterrâneas, aflorando em rios que deságuam no mar, contaminando os oceanos de forma inevitável.

Dessa forma, a combinação da quantidade de microplásticos com o aumento da temperatura dos oceanos, devido ao fenômeno do aquecimento global, resulta em maiores quantidades de produtos químicos provenientes do aumento da velocidade do processo químico relacionado.

Cabe destacar também as diversas origens, formas e tamanhos de microplásticos oriundos de produtos do nosso cotidiano, como exemplo, sacolas de supermercados, garrafas pet, entre outros, não se limitando às fibras de roupas sintéticas.

Durante o período de isolamento social, diversos museus colocaram à disposição do público visitas *on-line* a seus acervos. A imagem e o texto abaixo fazem parte deste contexto.



NATIONAL WOMEN'S HISTORY MUSEUM

A simple act of defiance in 1955 ignited an important historical and social movement. As a seamstress in Montgomery, Alabama, and an active member of the local NAACP (National Association for the Advancement of Colored People) chapter, the woman in the photo refused to give up her seat in the assigned section for blacks in the bus to a white man. Her actions led to her immediate arrest.

(Adaptado de <https://artsandculture.google.com/exhibit>.

Acessado em 08/10/20.)

- Que ato levou a mulher da imagem a ter reconhecimento mundial? Cite uma consequência histórica desse acontecimento.
- Qual é a função de um museu? Explique por que essa foto está presente no referido museu.

Resolução

- A recusa de Rosa Parks, uma mulher negra, em ceder lugar a um passageiro branco em um ônibus no Alabama, contrariando as leis segregacionistas que vigoravam naquele estado. Esse ato, que levou à prisão dela, teve repercussão internacional e, nos EUA, foi o ponto de partida para a luta pelos direitos civis dos afro-descendentes norte-americanos. Esse movimento teve em Martin Luther King sua liderança mais expressiva e resultou no estabelecimento da igualdade racial dentro da sociedade estadunidense.**
- A função de um museu é preservar a memória de um determinado tema. No caso em questão, a foto de Rosa Parks em um museu dedicado à mulher, realça o momento importante da participação feminina na luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos.**